

A verdade sobre Brasília (IV-Final)

“Se cuidarem bem de Brasília, como prometem, se a contiverem demograficamente e a disciplinarem, se a vida se tornar mais justa e digna de ser vivida, neste caso o mundo estará melhor e Brasília será a cidade mais bela e feliz que desejamos”.

(Oscar Niemeyer)

ERNESTO SILVA
Colaborador

Em primeiro lugar, desejo reafirmar, pela enésima vez, que jamais qualquer pessoa, autoridade, historiador, político, urbanista, dirigente da Novacap, afirmou que Brasília deveria atingir 500 mil habitantes no ano 2.000. Entretanto, indivíduos desavisados, levianos, sem documentação comprobatória, alardeiam que Brasília foi concebida para abrigar, no ano 2.000, uma população de 500 mil habitantes.

Esta é uma inverdade demagógica, que precisa ser desmentida, pois sua divulgação vem prostituindo a história. Eu peço, por favor, que provem o que proclamam, mas, desde já, aproveito a oportunidade para repelir tais afirmações.

Há dias, chocou-se a declaração irrefletida do presidente da Codeplan, concitando o povo a participar de um seminário sobre o plano diretor de Brasília, com vistas a projetar uma Brasília de quatro milhões de habitantes no ano 2.000. Percebo que nossas autoridades, neste episódio, estão alienadas e perdendo o senso do ridículo.

Cidade grande é cidade desumana e incentivar o crescimento desmesurado de Brasília é querer torturar os seus habitantes.

Dito isto, vamos tratar da “inchação” de Brasília, do crescimento desordenado, da explosão demográfica, fruto da incompetência do Governo Federal, que não estabeleceu uma política séria de fixação do homem ao campo; do desinteresse (e, talvez mesmo, desumanidade) da maioria dos governadores estaduais do Nordeste, os quais, para se desvencilharem de suas obrigações para com seus conterrâneos, os estimulam e até os auxiliam a migrarem para as grandes cidades, desenraizando-os de seu habitat, onde nasceram e cresceram e convivem com seus parentes, amigos e companheiros, lançando-os, sem esperança, na selva desumana da periferia das metrópoles.

A China, que mantém 80 por cento de sua população na área rural, consegue esse êxito porque o agricultor ou o morador das pequenas cidades do interior recebem assistência integral do governo: bons salários (maior que os da cidade), incentivos fiscais, assistência médica eficiente e digna, escolas para todas as crianças em todos os graus oportunidades de lazer (peças teatrais, circo, esporte, etc.) e uma disciplina no tocante ao planejamento familiar.

No Brasil, dá-se o contrário. O homem do campo, do interior, é abandonado, torna-se um pária da sociedade. E os prefeitos e governadores os açulam a migrarem. O Estado de Goiás, por exemplo, não oferece qualquer estrutura de educação e saúde aos municípios vizinhos do DF, preferindo doar ambulâncias às prefeituras para rebocar doentes para Brasília.

O resultado dessa administração caolha é a proliferação de favelas, os assentamentos rudimentares, sem qualquer infra-estrutura.

No dia 30 de maio de 1989, o **CORREIO BRAZILIENSE** publicou em seu editorial da segunda página:

“A política social do GDF precisa, com a maior urgência possível, reconhecer que o paternalismo na assistência habitacional só gera o efeito de atrair novas migrações de carentes. Urge colocar um paradeiro neste descalabro demográfico, antes que o Distrito Federal se torne inabitável”.

E Ari Cunha, em sua coluna, esclarece: “Outro dia, a polícia apreendeu, na BR-20, um pau-de-arara com vinte pessoas de duas famílias. É o reflexo da política de doação de terras que o governo do Distrito Federal está operando”.

Hoje, sabe-se que toda a megalópolis se torna desumana e que o ideal é formar cidades pequenas e médias, até 500 ou 600 mil habitantes.

A concepção do autor do Plano Piloto de Brasília e dos seus idealizadores e construtores era construir uma cidade político-administrativa-cultural, de função definida, que se tornasse um pólo de desenvolvimento, irradiando progresso para o interior do Brasil, ocupando os espaços vazios do nosso território. A construção de Brasília deveria implicar um planejamento regional.

Mas nada disso aconteceu.

A improvidência e a falta de mentalidade de nossos administra-

dores preferiram permitir o deslocamento de migrantes para a periferia das grandes cidades, inclusive Brasília, que hoje se transforma numa grande favela.

Num editorial publicado no **CORREIO BRAZILIENSE** no dia 28 de maio de 1989, sob o título “Brasília Corrompida”, o articulista termina assim:

“Depois de vencer duas décadas de arbítrio que, sem dúvida, afetou o seu desenvolvimento íntegro na obediência de um planejamento genial, Brasília tem sua concepção original ameaçada justamente na vigência da Nova República, em plena democracia do País. Capital da Esperança, conforme palavras de Malraux, realização máxima de um povo motivado pelo ânimo inquebrantável de Juscelino Kubitschek para materializar a profecia de um santo, Brasília, ainda jovem e já homenageada como Patrimônio Cultural da Humanidade, está na iminência de chegar corrompida no seu trigésimo aniversário”.

Um outro ponto sério e importantíssimo é o da escassez de água para o abastecimento do Distrito Federal, objeto de uma reportagem de o **CORREIO BRAZILIENSE**, de 11.02.90.

Os que realmente conhecem Brasília sabem que o sítio da nova capital é um planalto, fonte das grandes bacias hidrográficas do Brasil. Nós temos riachos e não grandes caudais. A possibilidade de abastecimento d'água é restrita a uma população pequena, planejável.

Estimulando-se o crescimento de Brasília, teremos de captar água a centenas de quilômetros de distância. Já se pensou a que preço custará, para cada habitante, o fornecimento de água? Fabulosamente antieconômico.

Alguns podem me alcunhar de pessimista, mas os russos costumam dizer que “pessimista é um otimista bem-informado”.

Churchill dizia que “os estadistas são os que pensam na próxima geração e os políticos na próxima eleição”.

Se não tivermos, doravante, administradores capazes, criativos, patriotas, que pensem mais na cidade que nos seus interesses pessoais, se não disciplinarmos demograficamente a cidade, Brasília envelhecerá precocemente, entrará em declínio e se transformará numa megalópolis desordenada e ingovernável.